

O CBPF QUE EU CONHECI

Myriam Malvina Segre de Giambiagi (rio@cbpf.br)

Minha chegada ao CBPF, há um pouco mais de 40 anos, foi “de penetra”. Começou assim. Namorava Mario, trabalhava com Cernuschi¹ em mecânica estatística (isso depois virou uma tese, mas a tese não era um problema que me preocupasse na época) e aprendia um pouco de química teórica ajudando Mario a fazer as contas da tese dele e lendo um outro pouco por curiosidade. Mario acabou a tese, começou ele também a trabalhar com Cernuschi. Em uma de suas viagens ao CBPF, JJ² comentou com Jacques Danon³ que o irmão dele tinha feito a tese em química teórica. Jacques pediu a tese, achou interessante e convidou Mario para passar um tempo no CBPF. Mario aceitou, disse que ia casar comigo, que eu era física mas que não se preocupasse comigo. Jacques mandou parabéns e dia 24 de abril de 1961 chegamos de navio ao Rio. Dois dias depois, completei 24 anos.

No porto esperavam por nós Andrés Kalnay⁴, que estava trabalhando no CBPF, Ricardo Ferreira⁵, com quem a gente ia trabalhar, e um japonês. O japonês não era japonês, era Tetsuo Yamane⁶, de quem somos amigos até hoje. Eu não tinha a menor idéia de como era Rio (Mario tinha estado aqui quando JJ trabalhou no CBPF pela primeira vez) e minha primeira impressão, confesso, foi de decepção. Sei lá, esperava uma praia de coqueiros e a praia não tinha coqueiros. Antes de vir, tinha lido Gabriela em português, sem muita dificuldade; chegando, descobri que para me entender com as pessoas precisava aprender com urgência um vocabulário básico e comprei um pequeno manual de conversação inglês-português porque foi o que achei. Assim, soube logo que não tinha que pedir “té” no hotel, mas “chá”, por isso eles não conseguiam entender o que eu queria. Minha ignorância do português era tão grande e a informalidade comparada à solenidade argentina também, que

pensei que “você” era equivalente ao “you” em inglês, nem tinha percebido esse negócio de “o senhor” ou “a senhora”; eu parecia mais jovem do que era, ninguém me dizia “a senhora”. Então eu tratava Guido Beck⁷ de “você”, como todos se tratavam no Centro, e ninguém me chamou a atenção sobre isso.

No CBPF, onde Leite Lopes era o diretor, fui recebida não como “penetra”, mas como alguém esperado; logo me senti à vontade. Acompanhei Mario e Jacques para serem apresentados a Almir de Castro, o presidente da CAPES; Mario ia receber uma bolsa da CAPES para complementar o salário do CBPF.

Ninguém sabia o que era a burocracia. Até um ponto muito significativo. Tivemos que ir ao consulado argentino renovar alguma coisa. Como casamos e viemos logo para aqui, os documentos argentinos tirados uns dias antes eram documentos de solteiros. Mario não teve problemas mas eu, para as leis argentinas...não era mais eu porque tinha mudado de nome (o sobrenome de casada nos documentos das mulheres deixou de ser obrigatório há bem pouco tempo). Mostramos logo a carteira de casamento, que é o que davam solenemente na hora de casar com o espaço para se inscrever os muitos filhos esperados como resultado do ritual. O cônsul nos disse que isso não era um documento. Perguntamos perplexos para que é que davam, a resposta foi “para que as senhoras fiquem contentes” (sem comentários). Bem, em resumo, tivemos que mandar pedir em Buenos Aires uma certidão de casamento, autenticar, carimbar e...esperar bastante. No intervalo, eu tinha deixado de existir, a sensação foi desagradável. Voltando ao CBPF, ninguém entendia. Marlene, a secretária mais eficiente que já passou pelo CBPF (comentário de Henrique Lins de Barros, “se a gente explica, ela poderia escrever os nossos trabalhos diretamente em inglês sem precisar corrigi-los”), disse logo “aqui deve-se acrescentar ‘de Giambiagi’? “Eu faço”; tive que tirar apavorada meu passaporte da mão dela, não entendeu meu espanto, falava sério.

Procurando apartamento, conhecemos muito bem Copacabana. Afinal alugamos em Toneleros 186, ao lado de onde começou o suicídio de Getúlio, como nos dizia todo o mundo. Do outro lado, morava Danon. Não tínhamos telefone, em troca o nosso quarto e sala dava para as árvores do morro. Toneleros era uma rua tranqüila, e o quarto nos permitia dormir de janela aberta olhando as árvores. Às vezes, Danon passava nos procurar, ele e Annie⁸ nos levavam à praia. Claro que íamos muito à praia, de vez em quando voltávamos na hora do almoço, comíamos um abacaxi cada um na areia e íamos trabalhar outra vez. Os nossos horários eram mais noturnos que os dos brasileiros; depois de reclamar porque a biblioteca fechava cedo demais para nós, acabaram nos dando uma chave para usá-la à noite ou os fins de semana, à vontade. A xerox ainda não tinha sido incorporada nem à língua nem à cultura.

Após aceitar que praia, mesmo sem coqueiros, para qualquer época do ano, era uma maravilha (e sem o vento horroroso e o frio das praias argentinas), Rio foi me entrando no sangue para não sair nunca mais. Eu sou carioca adotiva. A combinação Rio-CBPF em 1961, então, nem se fale.

Os colóquios do CBPF eram um bate-papo tão gostoso como os que a gente tinha nos corredores. Todo o mundo discutia os seus problemas científicos com todo o mundo. Eu, que tinha acabado de fazer a prova de minha última matéria de doutorado só para não pensar mais em provas, e mal tinha começado a trabalhar (enquanto eu estava no Rio meu primeiro trabalho, com Cernuschi, foi publicado no J. Chem. Phys.), era tratada de igual para igual por todos esses cientistas que haviam trabalhado com os grandes nomes da ciência e falavam nisso com toda naturalidade.

Começamos então a trabalhar e decidimos fazer algumas contas. Como se fazia isso na pré-história? Usava-se uma máquina de calcular eletromecânica muito barulhenta, após

fazer os nossos próprios algoritmos baseados em algum livro de matemática aplicada. Já estávamos razoavelmente práticos em tirar raízes quadradas com 8 casas decimais aplicando o teorema do binômio, conseguíamos fazer em 2-4 minutos. Meses mais tarde, soubemos que a USP (sempre com mais equipamentos que o Rio) possuía uma máquina Friden com TECLA para raiz quadrada, morremos de inveja de tanto avanço. Decidimos que a nossa molécula-teste para as aproximações que estávamos propondo seria a piridina. Como falamos uma vez com Simone Odiot, do CNRS, nossa geração também começou os cálculos de orbitais moleculares pela piridina.

Nosso programa era muito pretensioso; nos propúnhamos fazer cálculos π , com todos os recobrimentos (bases não ortogonais, na época, não eram triviais), para todas uma série de moléculas, isto é, 10 problemas de 6 elétrons cada. E mais ainda. Em nossa desvairada ambição, queríamos chegar a cálculos com 14 elétrons! Algumas semanas de trabalho nos convenceram que os nossos parâmetros faziam sentido. Samuel Mac Dowell⁹, em discussão interdisciplinar, sugeriu-nos uma maneira muito brasileira de driblar uns sinais que nos incomodavam (esse problema só compreendemos uns anos depois, e originou vários trabalhos que nos deixaram contentes).

Porque naquele tempo a ciência não estava globalizada e a ciência brasileira tinha identidade, como tinham a ciência inglesa, francesa ou italiana, cada uma com um estilo perfeitamente distinguível.

Veio a renúncia de Jânio. Foi ali que nos integramos definitivamente à comunidade do CBPF. Ficávamos com os colegas acompanhando pelo rádio os pronunciamentos de Brizola, os deslocamentos do exército (título da época no Correio da Manhã, que era o jornal que mais liamos: “O primeiro exército está marchando sobre o segundo; felizmente

ainda não se encontraram”). Fomos convidados nas reuniões na casa de Gabriel Fialho¹⁰, onde encontramos pela primeira vez o nosso grandíssimo amigo Haity Moussatché¹¹.

Haroldo Oest, Chefe da Divisão do Material no CBPF, nos falava dos irmãos generais; uns anos mais tarde conhecemos o general Henrique no exílio em Montevideú. Para nós argentinos, acostumados às nossas forças armadas de mentalidade nazista, como infelizmente a história nos confirmou, era absolutamente incompreensível que existissem generais que se declaravam comunistas (e o partido comunista estava fora da lei!).

Mais ou menos nessa época fiquei grávida, passei muito mal e sem poder trabalhar uns dois meses. Quando voltei, o comentário sobre a minha gravidez era um sincero e caloroso “que beleza!”. Todos entenderam que era nossa homenagem ao Brasil.

As visitas de Oppenheimer e Bernal

Nunca consegui tratar os internos do Pinel com a naturalidade que ainda invejo nos brasileiros. Os internos mais mansos se encontravam com o pessoal do CBPF no bar do Manoel (na época, bar do Lauro). Iam de roupa azul. Um deles empurrava sempre uma carriola vazia e dava flores às moças (eu tinha pavor dele, uma vez ele perguntou a Mario quem era essa menina). Robert Oppenheimer passou pelo CBPF. Lembro quanto me chocou saber a idade dele, parecia 20 anos mais velho. Quando tiraram uma foto de Oppenheimer na frente do CBPF, para os jornais, saiu também o cara da carriola.

Data desses dias meu primeiro rompante feminista. A embaixada americana convidou para um coquetel só para homens. Eu fiquei uma fera, porque Ricardo e Mario estavam afim de ir. Argumentei que se tivessem dito que os negros não entravam, nem passaria pela cabeça deles assistir. Consegui que não fossem. Soubemos depois que quem não tinha ido

foi o próprio Oppenheimer, o convite foi feito dessa maneira para que a esposa dele não fosse.

Também passou pelo CBPF John D. Bernal. Conhecíamos os trabalhos fundamentais dele sobre a estrutura da água, além dos muitos trabalhos sobre história da ciência. Após o seminário que ele deu sobre meteoritos, falamos com ele do que estávamos fazendo com Cernuschi em teoria de eletrólitos. Antes de ouvir falar na teoria, ele quis ver os resultados. Foi todo um privilégio poder discutir com um cientista dessa importância.

O computador do IBGE

Alfredo Marques nos contou que o IBGE tinha um computador poderosíssimo, e o pessoal do CBPF tinha acesso a ele. Nós já havíamos programado em Buenos Aires, em uma IBM 650. Este era um UNIVAC 1105, só que...não tinha nenhuma subrotina fora funções trigonométricas, potenciação e pouco mais do que isso. Além da carência de subrotinas, havia carência de alguém que resolvesse nossas dúvidas. Tivemos a ajuda inestimável de Alfredo, e Erasmo Ferreira nos passou um algoritmo de determinante. Ficamos perplexos quando uma integral de recobrimento, para a qual o nosso resultado era 0,49, deu 0,51. O engenheiro eletrônico americano que se ocupava das válvulas do computador, nos disse que a exponencial dele tinha 10 casas decimais e nós tínhamos feito as contas com 8 casas. Refizemos as contas com 10 casas e, com efeito, ele tinha razão, apareceu o 0,51. Quanto aprendemos fazendo as contas e os nossos programas!! Usávamos tabelas de exponenciais, fórmulas de interpolação para melhorar os números...

Ninguém nos explicou direito para que o IBGE havia comprado esse computador, às vezes tínhamos a suspeita que ninguém sabia muito bem o que fazer com ele. Para o censo

já dispunham de um outro, mais adequado. O 1105 parecia mesmo feito para computação científica, mas qual? Com certeza a intenção não era a do CBPF. Corriam boatos que valia um milhão de dólares, mas o Brasil tinha pagado três milhões... Chegamos a ver esse computador ser usado para tirar as notas médias de uma escola, que pagou tal trabalho ao IBGE.

Estava para ser fundada a Universidade de Brasília. Veio ao CBPF, poucos dias, Harrison Shull. Ricardo iria mais tarde trabalhar na Universidade de Indiana convidado por Shull, quem por sua vez ainda não tinha fundado o banco de programas QCPE (Quantum Chemistry Program Exchange). O QCPE fazia circular os programas na comunidade acadêmica, em troca de um pagamento baixo que ajudava à sustentação do projeto.

Em um seminário no CBPF, Shull falava com orgulho no IBM 730 que ia ganhar breve. Alguém lhe ofereceu, sem dar muita importância, mostrar o computador a que nós tínhamos acesso. Fomos com ele, ficou de queixo caído: “mas...esse é muito mais poderoso que o meu futuro computador”. Bem, ele ficou sem saber a outra parte da história, quisemos deixa-lo com a impressão da superioridade brasileira. Uma noite que nos encontramos passeando pela Av. Atlântica, admitiu uma outra superioridade brasileira. Olhava para essa paisagem portentosa e suspirava “eu nunca conseguiria trabalhar se morasse num lugar desses”. Para sorte dele, morava em Indiana. Para sorte nossa, estávamos morando em Rio e conseguíamos trabalhar sim!

Havia algumas dificuldades, é verdade. Fizemos tanto estardalhaço com nossas moléculas, que o IBGE acabou nos cedendo uma hora de computador, de 18 e 19 horas, de 2^a a 6^a feira. Isso teria dado para calcular muita, muita coisa mesmo. Porém...sempre tem um “porém”. Era, por coincidência, a hora em que o ar condicionado costumava a se recusar à tarefa estafante de refrigerar o monstro em Rio de Janeiro; portanto o computador

parava, geralmente perto das 18. Lá ia-se a nossa hora de computador. Nem sempre, então adiantávamos quanto podíamos.

Feitas as devidas correções ao tempo de usufruto, dedicamo-nos com entusiasmo à feitura de nossos programas. O cálculo manual da piridina nos foi de extrema utilidade. Para obter os mesmos resultados no computador demoramos mais ou menos o mesmo tempo, mas já podíamos calcular as outras azinas. Programamos as nossas subrotinas de recobrimentos, de inversão, autovalores e autovetores de matrizes de 15×15 .

O programa em UNICODE era lido em fita perfurada, não em cartões. Aprendemos que era prudente deixar fita sem perfurar em intervalos, para poder fazer as correções e emendar a fita com durex.

Um problema de 6 elétrons, escrevemos na época, teria requerido 45 horas de trabalho na máquina de calcular (supondo que não se cometessem erros). No computador, esse mesmo problema levava 22 minutos, dos quais 30 segundos para o cálculo e o resto para a compilação e impressão dos resultados. Porque, para dar um toque brasileiro a tanta modernidade, a saída estava ligada...a uma máquina de escrever. Uns meses depois (abril de 1962), publicamos no Boletim do Centro de Processamento de Dados do IBGE, ano 1, Nº 3, “Trabalhos do CBPF no computador 1105”, em espanhol, o que hoje seria considerado um dos primeiros trabalhos em química computacional feitos no Brasil.

O computador ficou uma vez parado vários dias, à espera de válvulas que deveriam ser importadas e estavam demorando. Alguém nos contou, depois que o problema foi contornado, que segundo a alfândega as válvulas já tinham passado por ali; a mesma fonte de informações recolheu uma versão segundo a qual alguma personagem influente havia “importado” um aparelho de som declarado como sendo as tais válvulas que o IBGE esperava em vão.

Mas o computador também era sensível aos sucessos que convulsionavam o Brasil.

A Copa de 62

1962: Copa de Mundo no Chile. Brasil tinha conseguido empatar com a Tchecoslováquia 1 x 1, naquele jogo que machucou o Pelé e deixou ele fora da Copa. “Esse” dia o jogo era com a Espanha, e a expectativa estava concentrada no reserva de Pelé, o Amarildo. O computador trabalhava normalmente, posto que ninguém cogitava que Brasil pudesse perder. Houve, porém, um acontecimento terrível. Espanha começou o jogo dominando e fez um gol: Espanha 1, Brasil 0, e a Espanha continuava jogando melhor. Repentinamente, milhões de brasileiros tomaram conhecimento que se Brasil perdia ficava fora da Copa.

O computador, como Brasil, parou. Os operadores, todos os funcionários, estavam em torno do rádio. Só voltou a funcionar, aliviado, quando a pátria foi salva.

Devo esclarecer que sempre fui e continuo sendo analfabeta em futebol. Um dia que tínhamos ido com Mario ver curtas em Cinelândia e passavam futebol no noticiário, um jogador muuuito diferente chamou minha atenção. Mario me informou que era Pelé. Passei a ver alguns jogos no Maracanã só para vê-lo. Garrincha treinava em frente do CBPF, no campo de Botafogo. De vez em quando, Mario me dizia para ir encaminhando o trabalho enquanto ele ia curtir o Garrincha. Meus favoritos eram Pelé e Didi.

No CBPF fez-se um bolo para a Copa. Mario me disse “preenche você também para aumentar as possibilidades”. Eu nem entendi por que me pedia para cometer essa loucura. Perguntava a ele “quem é melhor, a Rússia ou a Colômbia?”, em dois minutos minha ficha estava pronta, apesar das advertências de Mario que precisava pensar. Pensar o que? disse para com os meus botões. Todos menos eu acompanhavam o desenvolvimento da

Copa e do bolo. O dia da apuração dos resultados, eu fiquei em casa preparando um jantar para convidados. Quando voltou, Mario me disse para adivinhar quem tinha ganho o bolo. Eu não conseguia. Me deu uma dica “é uma mulher”; não adiantou. Quando me disse que era EU, simplesmente não acreditei e me zanguei muito com ele por essa brincadeira. Mas não era. Eu tinha adivinhado um resultado que era uma zebra que só uma analfabeta como eu poderia ter escrito. A soma nos ajudou a passar um mês de férias em Buenos Aires para a família conhecer o nosso neném.

A fundação do CLAF

Uns meses antes, participamos de um almoço no Iate Clube por ocasião da fundação do CLAF. Sendo Leite Lopes¹² diretor do CBPF, Gabriel Fialho foi o primeiro diretor do CLAF e levou para a secretaria o nosso grande amigo Nelson Lins de Barros¹³, que também nos introduziu ao samba, aos desfiles de carnaval e ao terreiro de Mangueira.

Com a inflação, o salário de Mario tinha ficado mais baixo; o próximo nascimento do filho complicava a nossa situação econômica. Graças à fundação do CLAF, deixei de ser “penetra” para me tornar a primeira bolsista do CLAF. Por isso brinco dizendo que na verdade o primeiro bolsista do CLAF foi nosso filho Fabio.

Quando Fabio nasceu, tínhamos estado no computador até nove horas da noite. Só pedi para Mario comprar uma pizza por causa da hora. Fabio nasceu às 7 da manhã. Ligamos para avisar que não iríamos ao computador porque o filhote tinha nascido e ficamos espantados. Mas não era mania de trabalhar, também tinha estado na praia dois dias antes (esse dia não, porque chovia) e voltei à praia quando Fabio fez 24 dias. A primeira visita na

casa de saúde foi a de Leite, que me trouxe fruta argentina, um luxo! No quadro negro do CBPF, escrito com giz na entrada, ele tinha feito anunciar “nasceu o filho dos Giambiagi”.

Se o CBPF não conhecia a burocracia, o CLAF não fazia por menos. Em julho de 1962, eu estava em casa abrindo os baús para voltar em Buenos Aires. Tinha havido na Argentina o golpe contra Arturo Frondizi. Mario veio dizendo que Gabriel havia dito, com aquele jeito bondoso dele, que “como íamos voltar para a terra dos gorilas”. Não foi só por causa dos gorilas que decidimos aceitar o convite para ficar mais tempo; nos sentíamos tão à vontade e estávamos trabalhando com tanto afinco. Foi só dizer que sim e Gabriel chamou “Nelson! Mario e Myriam ficam”. E só. Não preenchemos nenhum formulário, não assinamos nada.

Acabou-se o que era doce

Ficamos no CBPF quase dois anos. Se tivesse dependido só de mim, não teríamos voltado. Foi muito a contragosto que voltei para Buenos Aires, sem praia e com inverno. Tínhamos vibrado com a Palma de Ouro para “O pagador de promessas”, deixávamos muitos amigos maravilhosos e, mais ainda, deixávamos o CBPF e seu clima de trabalho feito com a mais pura alegria intelectual. Exploramos por mais tempo o resultado de nosso trabalho científico no Rio. Ninguém nos cobrou que publicássemos nem quanto devíamos publicar. Saiu naturalmente, no ritmo próprio, ritmo de samba.

Na volta, escrevemos uma carta para Gabriel Fialho, agradecendo e comentando a importância de um computador para o nosso trabalho (ver cartas anexas); foi por nossa sugestão que o CBPF acabou ganhando um IBM 1620, comprado em 1964, que chegou no Centro em 1966.

Ainda voltamos passar um mês em Rio em fevereiro de 1964. O navio partiu nos dias anteriores ao comício na Central do Brasil; não acreditávamos que pudesse ter golpe e muito menos que fosse para ficar. Passamos esse mês em casa de Nelson Lins de Barros, que nos emprestou o apartamento enquanto ele viajava.

Fomos conhecer Berta e Darcy Ribeiro¹⁴ em Montevidéu, no exílio. Brincávamos com eles que a gente tinha um mês de exílio mais do que eles. Na casa deles conhecemos todos os exilados de Montevidéu. Em 1968 quando, em um outro exílio, tivemos que ir para Itália, Berta veio ao porto em Montevidéu. Em Roma, recebemos uma carta muito alegre de Berta: “você estão exilados, porém nós já não, voltamos para o Brasil!”. Voltamos da Itália em novembro, sempre de navio. Na escala em Rio, fomos para a casa de Leite, onde ele e Maria Laura¹⁵ nos receberam junto com Haity e sua esposa Cadem. Falamos pelo telefone com Darcy e Berta. Darcy nos disse “é só vocês descerem a bagagem do navio e ficar”. Um mês após nossa chegada o AI5 se abateu em cima dos nossos amigos. Nelson já tinha morrido em 1966.

Lembro ainda como Darcy ficava impressionado quando dizíamos para ele que o melhor que podia nos ter acontecido, para a nossa formação como cientistas, foi a nossa estada no CBPF; insistimos ainda hoje que, se tivéssemos ido para a Europa em nossa primeira experiência no exterior, nunca teríamos adquirido a personalidade que felizmente ganhamos no CBPF.

Com o AI5, apagamos Brasil no nosso coração, ficando porém sempre a par do que acontecia nestas terras e em contato com os amigos brasileiros dentro e fora do Brasil. Para fins de 1974, a situação argentina não estava certamente melhor que a brasileira. Decidimos passar no Brasil as férias escolares dos filhos de inícios de 1975 e Ricardo nos convidou generosamente para fazê-lo em Recife, que não conhecíamos. Antes tínhamos consultado

os amigos exilados se concordavam e nos insistiram muito calorosamente que aceitássemos. Na volta, passamos cinco dias no Rio. Chegando no hotel, em Siqueira Campos e Copacabana, a 200 metros de onde havíamos sido tão felizes, Mario e eu, sem nos dizer nada, sentimos exatamente a mesma sensação violenta e inesperada de que Rio nos envolvia novamente, apesar dos pesares, na sua magia.

Um ano e meio mais tarde, tivemos que nos exilar de vez. Fomos outra vez para Recife, após falar novamente com Ricardo. Transcorreram 30 dias entre a decisão de sair e nossa viagem. Outros tiveram que sair muito mais depressa. Outros não fizeram em tempo. Em março de 1977 voltamos para o CBPF. Voltávamos para nossa casa. Tomara seja de vez.

Notas

¹ Félix Cernuschi, engenheiro e físico argentino; no departamento de física da Faculdade de Engenharia impulsionou grupos de pesquisa visionários, contra as modas vigentes.

² Juan José Giambiagi, fundador da ELAF junto com Leite Lopes e Marcos Moshinsky; foi homenageado no CBPF através de um auditório com seu nome.

³ Jacques Danon, trabalhou com Irène Joliot, iniciou várias linhas de pesquisa pioneiras no CBPF.

⁴ Andrés Kálnay, físico argentino, atualmente na Venezuela.

⁵ Ricardo Ferreira, o primeiro químico teórico brasileiro.

⁶ Tetsuo Yamane, químico e biólogo brasileiro, participou dos trabalhos fundamentais sobre RNA.

⁷ Guido Beck., físico austríaco, fundador da “Asociación Física Argentina”, com grande influência seja na física argentina quanto na brasileira.

- ⁸ Annie Prouvost Danon, bióloga, trabalhava com Haity Moussatché.
- ⁹ Samuel Mac Dowell, trabalhou em supersimetria, atualmente na universidade de Yale.
- ¹⁰ Gabriel Fialho, fundador do CBPF, primeiro diretor do CLAF.
- ¹¹ Haity Moussatché, um dos dez cientistas da “massacre de Manguinhos”; fundador da SBPC.
- ¹² José Leite Lopes, fundador e diretor do CBPF. Propulsor do desenvolvimento científico, do ensino e dos problemas de política científica.
- ¹³ Nelson Lins de Barros participou da fundação do CBPF através de seu irmão João Alberto, na época ministro de Getúlio; sambista, parceiro de Carlos Lyra.
- ¹⁴ Berta e Darcy Ribeiro são conhecidos como antropólogos; pouca gente sabe que Darcy foi também presidente do CBPF.
- ¹⁵ Maria Laura Mousinho Leite Lopes, matemática, fundadora do CBPF.

ENTRO BRASILEIRO DE PESQUISAS FÍSICAS

Río de Janeiro, 27 de febrero de 1963

Sr. Director del
Centro Latino-Americano
de Física,
Dr. Gabriel Pialho
Av. W. Braz 71
Río de Janeiro

De nuestra consideración:

Al cumplirse casi 2 años de permanencia en el Centro Brasileiro de Pesquisas Fisicas termina nuestro período como becarios del Centro Latino-Americano de Física.

Queremos en esta oportunidad, agradecer a usted las múltiples atenciones y deferencias que hemos recibido de su parte, como así también de sus colaboradores.

Hemos sido de los primeros beneficiarios de esta nueva institución que tiende a desarrollar la ciencia en esta parte del continente, a través de un intercambio fructífero entre los países latino-americanos. Trabajamos con profesores brasileños y a su lado aprendimos métodos, técnicas y modalidades que han contribuido decisivamente para nuestra formación científica.

No nos extenderemos en hacer observaciones positivas sobre el funcionamiento del C.L.A.F.; sólo creemos necesario señalar que su organización, flexible y dinámica, nos ha permitido resolver numerosos problemas, cuya solución se hubiera visto seriamente perturbada con prácticas excesivamente burocráticas.

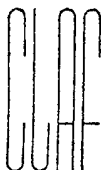
Para asegurar el mejor desarrollo de futuros estudios en el campo de nuestra especialidad, Físico-Química Teórica, sería de gran utilidad que el C.L.A.F. pudiera contar con una computadora electrónica. En particular, será difícil que pueda prescindirse de la misma al abordar temas de Estructura Molecular. Sabemos que la compra de una computadora significa una aventura de gran aliento, cuyas dificultades pueden ir más allá de los deseos e intenciones de quienes dirigen un instituto de investigaciones. No obstante nos permitimos este comentario, en la seguridad que usted habrá de aceptarlo.

Sólo nos resta en función de la experiencia de becarios—expresar nuestro entusiasmo y nuestro optimismo ante el futuro del Centro Latino-Americano de Física. Usted, como Director, es responsable, en gran parte, de ese entusiasmo y de ese optimismo.

Reciba las expresiones de nuestro sincero afecto

Myriam Segre de Giambiagi

Mario Giambiagi



CENTRO LATINOAMERICANO DE FÍSICA
 CENTRE LATINO-AMÉRICAIN DE PHYSIQUE
 CENTRO LATINO-AMERICANO DE FÍSICA
 COMITÉ PROVISIONAL

Sede:

Centro Brasileiro
 de Pesquisas Físicas
 Av. Wenceslau Braz, 71 NS 127/63
 Rio de Janeiro - Brasil

P 6/Bp/62
 Rio de Janeiro, 26 de marzo de 1963

Sres. Profesores Myriam y Mario Giambiagi
 Inst. de Física - Universidade de Buenos Aires
 Peru, 222
 B. Aires - Argentina

Distinguidos profesores,

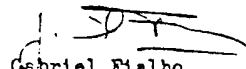
Tengo el agrado de acusar recibo de su amable carta del 27 de febrero. En primer lugar les agradezco sus bondadosos conceptos para el CLAF, mis colaboradores y mi propia persona. Para nosotros fue también una grata satisfacción haberlos tenido aquí como becarios de nuestra incipiente organización, la cual - como Vds. indican en su citada - ya está realizando un fructífero intercambio entre los países latinoamericanos en la esfera de la Física.

Les agradezco el envío del "pre-print" que han mandado al "Journal de Physico-Chimie", agradecimiento que hago extensivo a la remesa de separatas de este trabajo luego que sea publicado. Por mi parte, he dispuesto que en el próximo número del Boletín del CLAF se publique el resumen, que es todo lo que podemos hacer, independientemente de su publicación en las "Notas de Física" del CEPP.

Les puedo decir que el CLAF examina ya la posibilidad de adquirir un computador IBM 1.620, coincidiendo con su sugerencia en cuanto a la utilidad de este aparato para abordar temas de estructura molecular, entre otros.

En carta reciente, el profesor Kálnay me informaba que Myriam lo substituiría en sus honorarias funciones de corresponsal del Boletín en Argentina, debido a su traslado al Instituto de la Universidad de Córdoba. Es una satisfacción para el CLAF poder contar con una profesora ex becaria, de los predicados científicos de Myriam Giambiagi, entre sus corresponsales.

Les agradezco una vez más las expresiones de incentivo que su amabilidad les ha dictado, y aprovecho la oportunidad para saludarlos cordialmente.


 Gabriel Fialho
 Director

Mr. 1 MR/01.-